



Aguardiã





MICHELLE PASSOU A PONTA DO DEDO PELA TELA DO TABLET PARA

olhar as fotos do álbum que sua neta tinha lhe enviado naquela manhã. Luc tinha levado Scarlet para ver as ruínas do Museu do Louvre, e Scarlet tirara dezenas de fotos das estátuas em ruínas e dos destroços que ainda estavam de pé. Havia até uma foto de Luc e Scarlet juntos, encolhidos em enormes casacos de lã ao lado de uma estátua sem um braço. A mulher de pedra parecia parte do grupo deles.

Michelle ficava voltando para essa foto, a única do álbum que tinha Luc e Scarlet. Apesar de Luc estar com a expressão distante de sempre, tentando tanto parecer sofisticado, o sorriso de Scarlet era efervescente. Os olhos brilhavam, sem um dos dentes da frente, o cabelo ruivo cacheado meio preso na gola do casaco. Ela parecia feliz.

Pela primeira vez, Luc estava tentando, e isso deixava Michelle muito feliz. Era uma mudança boa em comparação com as mensagens que ela costumava receber da neta. A vida foi difícil para a filha desde que a mãe foi embora... não, Michelle sabia que já era difícil antes disso. Soube desde o começo que seu filho não tinha sido feito para ser pai. Era vaidoso e egoísta demais, e a jovem esposa era

igualzinha. O relacionamento deles foi intenso e dramático e estava fadado a fracassar desde o começo. Eles brigavam praticamente desde o momento em que começaram a namorar; eram grandes brigas, com gritos e pratos quebrados e a polícia sendo chamada por vizinhos mais de uma vez. Quando a gravidez foi anunciada, Michelle se esforçou para fingir alegria para eles. O fim desastroso do casamento foi inevitável, e ela sabia que a pobre criança seria vítima.

Normalmente, ela tinha que ler nas entrelinhas das mensagens de Scarlet, pois Luc nunca contava nada. *“Estou entediada, esperando o papai chegar em casa”* significava “Luc está indo de bar em bar de novo e a filha de seis anos está sozinha em casa”. Ou *“Obrigada pelo presente de aniversário, papai disse que vai me levar a um parque de diversões para comemorar quando o tempo estiver melhor”* significava “Luc esqueceu o aniversário da filha de novo e espera que ela esqueça a promessa até a primavera chegar”. Ou *“A vizinha trouxe ratatouille para o jantar de novo, terceira vez esta semana. Ela bota muita berinjela e eu ODEIO berinjela, mas papai disse que fui grosseira e me mandou para o quarto”* significava “Luc gastou todo o dinheiro da comida no jogo, mas pelo menos tem uma vizinha gentil prestando atenção... a não ser que esteja encantada pelo sorriso do Luc e ainda não tenha percebido que ele não vale nada”.

Michelle suspirou. Amava o filho, mas tinha perdido o respeito por ele há bastante tempo. Mas ela sabia que tinha que aceitar parte da culpa. Afinal, foi ela quem o criou. Talvez o tivesse mimado demais, ou talvez não o suficiente. Talvez ele precisasse de um pai na vida para orientá-lo. Talvez...

Uma batida na porta a sobressaltou. Ela desviou o olhar do tablet, onde estava olhando para o rosto sombrio do filho com quem tinha falado no máximo dez vezes naquele ano. Devia ser uma das crianças vizinhas arrecadando dinheiro para alguma coisa ou alguém da cidade querendo ovos das suas galinhas.

Ela colocou o tablet ao lado da poltrona favorita, se levantou e saiu do quarto, desceu a escada estreita que estalava de forma familiar todas as vezes e chegou ao pequeno saguão da casa de fazenda. Não se deu ao trabalho de olhar, só abriu a porta de dobradiças antigas.

Seu coração parou. O mundo todo pareceu hesitar.

Michelle deu meio passo para trás e se apoiou na porta.

— *Logan.*

O nome dele a atingiu com a força total de uma colisão de asteroide, roubando o ar dos pulmões dela.

Logan estava olhando para ela. *Logan.* Seu Logan. Ele a observou, seus olhos tão intensos e profundos quanto ela lembrava, embora estivessem ladeados de rugas que não existiam antes. Mais de trinta anos antes.

— Oi, Michelle. — A voz dele era uma versão mais cansada da que ela adorava tantos anos antes, mas a encheu de lembranças e solidão e calor mesmo assim. — Lamento invadir assim, mas estou precisando desesperadamente da sua ajuda.



ELA SENTIU ORGULHO E PAVOR QUANDO FOI CONVIDADA A TRANSPORTAR OS DIPLOMATAS TERRÁQUEOS EM VISITA A LUNA, OS PRIMEIROS EM GERAÇÕES. ELA ERA UMA DOS QUATRO PILOTOS DA MISSÃO E A MAIS JOVEM POR QUASE DEZ ANOS. FOI UMA HONRA, APESAR DA MAIORIA DAS PESSOAS PARA QUEM MENCIONOU A MISSÃO ANTES DA PARTIDA TIVESSE OLHADO PARA ELA COMO SE FOSSE MALUCA POR SEQUER CONSIDERÁ-LA.

— Luna? — perguntavam, sem acreditar. — Você vai para Luna... voluntariamente? Mas... vão *matar* você. Vão fazer lavagem cerebral e transformar você em uma escrava terráquea. Você nunca vai voltar!

Michelle riu e ignorou os avisos, confiante de que as histórias de terror sobre os lunares eram baseadas em besteiras supersticiosas e não em fatos. Acreditava que havia lunares bons e lunares maus, assim como havia terráqueos bons e terráqueos maus. Não podiam ser todos monstros.

Além do mais, ela era só uma piloto. Não se envolveria em nenhuma das discussões políticas e reuniões importantes. Ela nem sabia qual era o objetivo da missão. Passaria a visita de um mês aproveitando os famosos luxos de Artemísia e voltaria para casa cheia de histórias para contar. Não ia permitir que algumas lendas urbanas absurdas a impedissem de fazer parte de um evento tão histórico.

Ela foi dispensada assim que eles chegaram a Artemísia e logo descobriu que a cidade branca era tudo que ela esperava que fosse e mais. Jardins verdejantes e pátios preenchiam o espaço entre os prédios de pedra branca. Árvores se projetavam acima de mansões enormes, algumas chegando ao domo que cobria a cidade. Havia música em todas as vielas e nenhum copo ficava sem vinho, e todo mundo que ela conheceu era tranquilo e bem-humorado. De alguma forma, todos sabiam que ela era terráquea sem ela nem precisar dizer, e parecia que todos os comerciantes ricos e aristocratas da cidade tomaram como obrigação pessoal oferecer a maior diversão que ela pudesse imaginar.

Havia só quatro dias que Michelle tinha chegado, e ela estava na praça central da cidade, dançando em volta de um enorme relógio de sol com um homem lindo quando chegou perto demais da beirada e caiu. Ela gritou de dor, sabendo na mesma hora que tinha torcido o tornozelo. O parceiro de dança chamou um dispositivo de levitação magnética parecido com uma maca e a levou para a clínica médica mais próxima.

Foi lá que ela conheceu Logan.

Ele era médico, alguns anos mais velho do que ela, e Michelle soube na mesma hora que ele era diferente dos outros lunares que havia conhecido. Ele era mais sério. Seus olhos eram mais pensativos. Mas mais do que isso, ele era... *imperfeito*. Ela o observou enquanto Logan examinava seu tornozelo. Tinha altura e porte medianos. Cabelo castanho-claro desgrenhado. Havia uma pinta na bochecha dele e a boca pendia para um lado, mesmo quando ele sorria. Ele ainda era bonito, ao menos pelos padrões terráqueos, mas em Luna...

Só quando ela se deu conta de que ele *não* estava usando glamour foi que percebeu que todo mundo que tinha conhecido usava.

Ele ofereceu deixá-la descansando em um tanque suspenso, mas ela balançou a cabeça.

— Vai cicatrizar mais rápido — declarou ele, confuso pela recusa dela.

— Não gosto de ficar confinada em espaços pequenos — respondeu ela.

— Então você deve odiar ficar presa embaixo do biodomo aqui. — Ele não insistiu e começou a fazer uma atadura no tornozelo dela do jeito antiquado. Durante anos, quando pensasse em Logan, ela se lembraria das mãos gentis e da habilidade com que trabalhavam.

— É tão lindo aqui — disse ela. — Eu nem me sinto presa.

— Ah, sim. É uma prisão bonita que construímos.

Foi o primeiro comentário desagradável que ela ouviu sobre Luna vindo de um lunar.

— Você vê seu lar como uma prisão?

Logan ergueu o olhar e encontrou o dela. Ficou em silêncio por muito tempo. Em vez de responder às perguntas dela, ele finalmente perguntou em um sussurro baixo:

— É verdade que o céu na Terra é da cor das asas de um gaido azul?

Depois daquele dia, Michelle não tinha mais olhos para os aristocratas e suas roupas extravagantes (principalmente depois que Logan contou que o homem com quem ela estava dançando no relógio de sol tinha idade para ser avô dela). Ela e Logan passaram todos os momentos possíveis juntos durante a estada dela em Luna. Os dois sabiam que era um caso temporário. Havia um relógio batendo para avisar quando Michelle retornaria à Terra, e ela nunca teve esperanças de poder voltar com ele. As regras contra a emigração lunar eram rigorosas; Luna não gostava que seus cidadãos fossem embora, e a Terra não queria que eles fossem para lá.

Talvez o romance tivesse sido mais intenso por causa da brevidade. Eles conversavam sobre tudo: política e paz na Terra e em Luna e constelações e história e mitologia e rimas infantis. Ele contou a ela boatos horríveis sobre como a coroa lunar tratava cidadãos pobres nos setores externos, o que estragou para sempre a atração cintilante que Artemísia provocou nela à primeira vista. Ela contou a ele sobre o sonho de um dia se aposentar das forças militares e comprar uma pequena fazenda. Ele mostrou a ela o melhor lugar na cidade para ver a Via Láctea, e havia uma chuva de meteoros na noite em que eles fizeram amor pela primeira vez.

Quando chegou a hora de Michelle ir embora, não houve presentes de despedida. Nem lágrimas e nem adeus. Ele deu um último beijo nela, e ela subiu na nave para voltar à Terra, e aquela foi a última vez que viu o dr. Logan Tanner.

Quando descobriu a gravidez, quase dois meses depois, nunca passou pela cabeça dela tentar arrumar um jeito de informá-lo sobre o filho. Ela tinha certeza de que não teria importância.

